

ASSOCIAÇÃO ENTRE DISTRIBUIÇÃO DA MASSA ÓSSEA E ÍNDICE DE MASSA CORPORAL EM MULHERES ADULTAS E IDOSAS

Eduarda Laís Lisboa Franco (Acadêmica do Curso de Educação Física da ESEF/UPE)

José Francisco Da Silva (Doutorando pelo Curso de Educação Física da ESEF/UPE)

Gabriela Da Silva Ramos (Graduada em Educação Física pela ESEF/UPE)

Marco Vinicius Acioli Da Gama (Acadêmico do Curso de Educação Física da ESEF/UPE)

Thiago Coelho De Aguiar Silva (Professor Adjunto II do curso de Educação Física da ESEF/UPE)

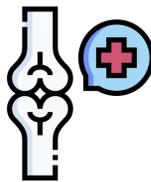
Carlos Augusto Mulatinho de Queiroz Pedroso (Professor Adjunto II do curso de Educação Física da ESEF/UPE -Orientador)

Email: eduarda.lisboa@upe.br, francisco.silva2@upe.br, gabriela.silvaramos@upe.br, marco.gama@upe.br, thiago.silva@upe.br, carlos.mulatinho@upe.br

1. INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento está associado a alterações fisiológicas e estruturais no organismo (NAHAS, 2017; FERREIRA, et. al, 2012). Parte dessas alterações ocorre de forma desequilibrada, como a perda de massa muscular e massa óssea, gerando quadros patológicos que afetam o bem-estar do indivíduo.

Dentro desse processo, se torna válido investigar a associação entre o Índice de Massa Corporal (IMC) e a Distribuição de Massa Óssea (DMO).



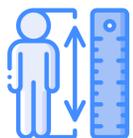
2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um delineamento transversal, derivado dos dados do Programa Master Vida (PMV), com amostra de 135 avaliadas, que atenderam aos critérios de:

- 1-Gênero feminino;
- 2-Autonomia funcional;
- 3-Disponibilidade para completar as etapas de avaliação.



Para obtenção dos dados de massa óssea de Membros Inferiores (MMII), a Absorptometria Radiológica de Dupla Energia (DEXA) foi realizada (KRUGH, 2023). Para o cálculo do IMC, pesagem em balança digital (kg) e medição de estatura (cm) com estadiômetro adaptado.

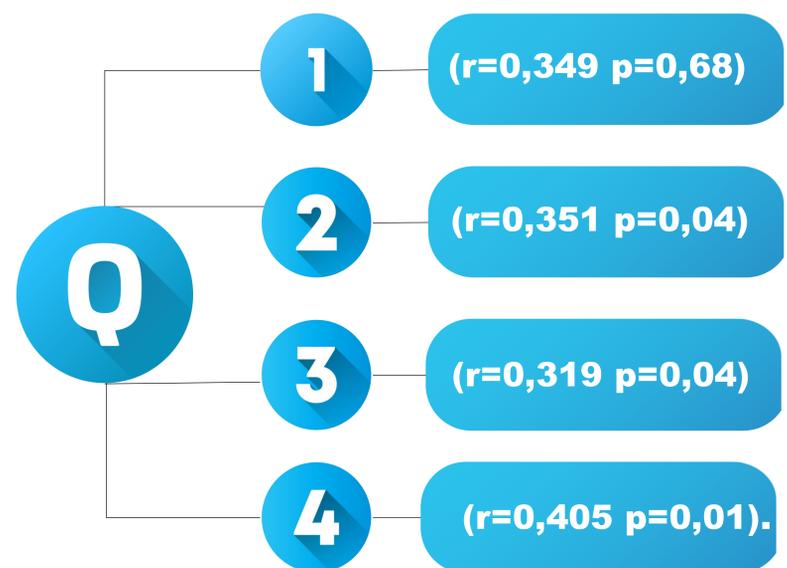


Os dados dos quartis foram analisados pelo SPSS, utilizando a correlação de Pearson, sendo significativa quando $p < 0,05$.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As avaliadas foram divididas em quartis (Q) etários, sendo Q1: 45 a 61 anos; Q2: 62 a 63 anos; Q3: 64 a 74 anos; Q4: 75 a 91 anos. A análise realizada nos grupos indicou que há uma associação positiva entre o IMC e o Distribuição de Massa Óssea (DMO) de Membros Inferiores (MMII). No Q2, as avaliadas também apresentaram associação positiva quando comparados. Da mesma forma, o Q3 apresentou fortes associações ao comparar as variáveis. Entretanto, no Q4, foi encontrado uma associação mais forte.

FIGURA 1. DADOS ESTATÍSTICOS



Da mesma forma, o Q3 apresentou fortes associações ao comparar as variáveis. Entretanto, no Q4, foi encontrado uma associação mais forte. Logo, quanto maior a massa corporal, maior o conteúdo ósseo na região apendicular. Assim, apesar do IMC elevado ser um fator de risco, observa-se uma maior capacidade de preservação do conteúdo ósseo.

4. CONCLUSÃO

Em mulheres acima de 62 anos, há relação positiva entre a DMO de MMII e o IMC. Já em mulheres de 75 a 91 anos, essa relação ocorre de forma mais intensa.

5. REFERÊNCIAS

FERREIRA, Olívia Galvão Lucena et al. Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 21, p. 513-518, 2012.

KRUGH M, Langaker MD. **Dual Energy X-ray Absorptiometry**. PMID: 30085584. 2023.

NAHAS, MARKUS VINICIUS. **Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida: Conceitos e Sugestões para um Estilo de Vida Ativo**. 7. ed. Florianópolis: Ed. do autor, 2017.